

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Marcos Alexandre Rodrigues

**UM BARCO DE MUITAS VOZES – A DIVERSIDADE DAS REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS NA
OBRA “O VENDEDOR DE PASSADOS” DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA E SUA
IMPORTANCIA NA RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO POVO ANGOLANO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Dr. Eduardo Gross

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **MARCOS ALEXANDRE RODRIGUES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201772505A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **UM BARCO DE MUITAS VOZES – A DIVERSIDADE DAS REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS NA OBRA “O VENDEDOR DE PASSADOS” DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA E SUA IMPORTANCIA NA RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO POVO ANGOLANO**, desenvolvido durante o período de 09/10/2024 a 09/03/2025 sob a orientação de EDUARDO GROSS, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

MARCOS ALEXANDRE RODRIGUES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

UM BARCO DE MUITAS VOZES – A DIVERSIDADE DAS REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS NA OBRA “O VENDEDOR DE PASSADOS” DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA E SUA IMPORTANCIA NA RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO POVO ANGOLANO

Marcos Alexandre Rodrigues¹

RESUMO

O debate sobre a existência de Deus e suas mais variadas e múltiplas representações ocupa um espaço de extrema importância na contemporaneidade. E a literatura durante os anos e através de leigos, neófitos, estudiosos, curiosos e mais uma infinidade de nomenclaturas tem sido um veículo potente para explorar essa questão ao longo dos séculos. O presente artigo tem como objetivo analisar as diferentes vozes religiosas que constam na obra - O Vendedor de Passados, de José Eduardo Agualusa, investigando suas implicações culturais e literárias no contexto da identidade africana pós-colonial.

Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa baseada na análise literária da obra, considerando seu diálogo com a história e as dinâmicas sociais de Angola. O romance, narrado por uma lagartixa chamada Eulálio, acompanha a trajetória de Félix Ventura, um vendedor de passados que cria biografias fictícias para a elite angolana. A narrativa expõe tensões entre passado e presente, colonial e pós-colonial, nacional e estrangeiro, evidenciando a construção da memória e identidade no continente africano; mais especificamente em Angola.

Espera-se que a pesquisa contribua para a compreensão da literatura de Agualusa como um espaço de resistência e reflexão sobre a religiosidade, a cultura e a reconstrução da identidade angolana. Além disso, pretende-se demonstrar como a obra proporciona um território de múltiplas vozes, permitindo que memórias, sonhos e crenças reprimidas sejam expressas na linguagem e na prática literária.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Representações religiosas. Angola. Literatura Africana. Jose Eduardo Agualusa.

1. INTRODUÇÃO

Toda pesquisa necessita de um referencial, o qual, muitas vezes, não se encontra em conceitos complexos ou excessivamente elaborados. Em diversas ocasiões, ele se revela na simplicidade de um olhar para o cotidiano, para um objeto, para uma sociedade ou mesmo para a leitura despreocupada de um livro. Foi justamente a partir de uma dessas leituras que surgiu o interesse por investigar este livro em específico.

A obra de Agualusa estabelece um permanente diálogo com a história de Angola. Dessa forma, torna-se fundamental retomá-la para traçar as paisagens histórico-sociais que contextualizam o romance. A maior parte da população angolana descende dos Bantu, povos que habitavam a selva equatorial há aproximadamente três ou quatro mil anos. Uma intensa explosão demográfica, impulsionada pelo cultivo da banana e do inhame, deu início a um vasto movimento migratório que perdurou até o século XIX.

As migrações bantu deram origem a cerca de 500 povos distintos, que, apesar de suas diferenças, compartilham semelhanças e afinidades culturais decorrentes de uma origem comum. O conhecimento técnico desses povos em metalurgia, agricultura e cerâmica permitiu sua fixação em comunidades agrícolas e, a partir do século XII, possibilitou a estruturação de grupos étnicos e a formação de reinos autônomos.

Os portugueses chegaram à foz do rio Zaire, no extremo norte de Angola, em 1482. A disputa por terras africanas envolvia nações mais poderosas que Portugal, como França, Inglaterra e Alemanha, tornando urgente a ocupação do território. No entanto, até a Conferência de Berlim, em 1885, Portugal ocupava apenas uma pequena parcela do litoral angolano. A partir desse pacto internacional, teve início a ocupação efetiva do território atribuído a Portugal, acompanhada da difusão da cultura europeia pelo interior do país. O acordo definiu limites e fronteiras conforme os interesses econômicos europeus, desconsiderando as necessidades, afinidades e diversidades dos povos que essas fronteiras uniriam.

No caso de Angola, observa-se que os diversos grupos étnicos que compõem a nação não se uniram por meio de um pacto de interesses próprios, mas foram reunidos à força por um tratado no qual não tiveram

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Dr. Eduardo Gross.

participação. As consequências dessa imposição persistem, pois, ao agrupar dentro das novas fronteiras povos tradicionalmente aliados e inimigos, o tratado gerou divisões internas ainda não completamente superadas.

A literatura de Agualusa insere-se em uma África que busca sua identidade, ainda que permeada por influências culturais diversas. Sua escrita articula tensões entre passado e presente, colonial e pós-colonial, angolano e africano, nacional e estrangeiro. Em termos estéticos, o romance é analisado como um espaço de experimentação da linguagem e de afirmação de identidades. No plano ideológico, a obra questiona as promessas e utopias geradas no contexto dos processos de independência das ex-colônias portuguesas na África.

No romance o narrador é Eulálio, uma osga (lagartixa), que relata a história de Félix Ventura, um negro albino que vende passados fictícios para membros da elite angolana que desejam uma biografia condizente com seu status social. Seu trabalho não se restringe à criação de narrativas de vida, mas inclui a elaboração de árvores genealógicas e até mesmo a produção de retratos de parentes inexistentes e feitos heroicos.

Eulálio, que vive na casa de Félix, acompanha o trabalho do protagonista e narra como ele constrói e organiza os passados que comercializa, além de apresentar detalhes sobre seus clientes e sobre sua própria vida.

O Vendedor de Passados configura-se como um espaço no qual vozes reprimidas encontram possibilidades de expressão, seja por meio de memórias, sonhos, reflexões ou hábitos, todos concretizados na linguagem e na prática literária.

Neste estudo, pretende-se analisar as múltiplas vozes religiosas presentes na obra, considerando suas implicações enquanto elementos constitutivos da cultura e da literatura africana. Busca-se compreender de que maneira essas representações contribuem para a construção ou reconstrução da identidade angolana no período pós-colonial.

2. DESENVOLVIMENTO

A multiplicidade em torno da ideia de Deus e da sua existência ou inexistência ocupa um lugar de destaque nas discussões contemporâneas, refletindo a diversidade de visões filosóficas, científicas e culturais sobre o sagrado. A reflexão sobre a reflexão, longe de se restringer à teologia, atravessa diversas áreas do conhecimento, como a filosofia, a sociologia, a antropologia e a literatura, cada uma trazendo abordagens e questionamentos específicos. A literatura, em particular, constitui um espaço privilegiado para a problematização das diferentes concepções religiosas, pois, conforme Barthes (1988, p. 47), “a literatura é a pergunta que nunca se cala, é o território onde todas as respostas são possíveis”. Assim, ao longo dos séculos, escritores de diferentes tradições e contextos culturais exploraram o sagrado sob múltiplas perspectivas, ora reafirmando ideias, ora desafiando dogmas, ora reinventando mitos. Essa relação entre literatura e religião evidencia não apenas a inquietação humana diante do transcendente, mas também o papel das narrativas na construção simbólica da fé, da dúvida e da espiritualidade. Dessa forma, a religião, embora específica social e existencial, segue sendo um dos temas centrais do imaginário literário, funcionando como um espelho das inquietações individuais e coletivas sobre o sentido da existência e o mistério do divino.

Em consonância com essa perspectiva, Alves (2014) observa que:

É fácil identificar, isolar e estudar a religião como o comportamento exótico de grupos sociais restritos e distantes. Mas é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios que tecem o acontecer do nosso cotidiano. A religião está mais próxima da nossa experiência pessoal do que desejamos admitir (ALVES, 2014, p. 112).

Essas premissas tornam-se fundamentais para compreender o contexto do período pós-guerra em Angola, no qual a população, brutalmente impactada pela colonização, sofreu tanto física quanto moralmente. Nesse cenário, a identidade nacional e individual encontra-se fragmentada, desafiada pelas consequências da dominação colonial e pelos conflitos subsequentes. A religião, por sua vez, emerge como um dos elementos que buscam reconstruir essa identidade, funcionando como uma ponte entre o passado e um futuro possível.

Stuart Hall (2006), ao discutir a identidade cultural no contexto pós-colonial, argumenta que "as identidades nunca são unificadas e, em circunstâncias modernas, cada vez mais fragmentadas e dispersas. Elas estão sujeitas a uma radical historicização e são constantemente transformadas pelas representações culturais" (HALL, 2006, p. 13). Esse conceito é essencial para analisar a sociedade angolana no período pós-guerra, na medida em que evidência como a identidade nacional e individual são construções dinâmicas, impactadas pelas narrativas históricas, sociais e culturais.

Nesse sentido, a religião desempenha um papel central ao fornecer um senso de pertencimento e continuidade para aqueles que buscam ressignificar suas trajetórias após o trauma da colonização e da guerra. Ao incorporar elementos da tradição e ao mesmo tempo reinterpretá-los no presente, a prática religiosa torna-se um espaço de resistência e reconstrução identitária, conectando o passado ao presente em um movimento de constante (re)elaboração da subjetividade angolana:

A maioria da população angolana professa a religião católica. Cerca da quarta parte da população pertencem às igrejas protestantes introduzidas durante o período colonial: as igrejas baptistas, enraizadas principalmente entre os bakongos, as metodistas, concentradas na área dos ambundos, e as congregacionais, implantadas entre os ovimbundos, para além das comunidades mais reduzidas de protestantes reformados e luteranos. Existem ainda as igrejas adventistas, as neo-apostólicas e um número de igrejas pentecostais, algumas das quais com forte influência brasileira. Há, finalmente, duas igrejas do tipo sincrético, nomeadamente as igrejas kimbanguistas com origem na República Democrática do Congo e as igrejas tocoistas que se constituíram em Angola, ambas com comunidades de dimensão bastante limitada. Os praticantes de religiões tradicionais africanas constituem uma pequena minoria, de carácter residual, mas entre os cristãos encontram-se com alguma frequência crenças e costumes herdados daquelas religiões. Destaca-se ainda a presença de muçulmanos provenientes de outros países da África Ocidental. (EMBANGOLA, 2019).

A pluralidade e as representações religiosas manifestam-se de forma evidente na obra de José Eduardo Agualusa, que, por meio de uma multiplicidade de vozes – incorporadas em seus personagens –, constrói um panorama da busca pela identidade perdida do povo angolano. A narrativa não apenas reflete os impactos do colonialismo e das transformações sociopolíticas do país, mas também evidência o papel da religião nesse processo, seja como um elemento de reconstrução identitária, seja como uma tentativa de conferir raízes a um novo cenário sociocultural marcado pela diversidade.

Nesse percurso, a religião desempenhou um papel central, funcionando tanto como elemento de coesão social quanto como espaço de questionamento e proteção cultural. Como bem observa Rubem Alves, a religiosidade transcende a mera adesão aos dogmas e se insere na própria tessitura da existência humana.

A religião é tecida na vida, nas esperanças e nas dores das pessoas. Mais do que um sistema de crenças, ela se inscreve nos gestos cotidianos, nos silêncios e nas palavras que narram os dramas humanos. (ALVES, 2014, p. 47)

Nesse sentido, a obra de Agualusa dialoga com essa concepção ao mostrar como a religião permeia as experiências individuais e coletivas, servindo tanto como uma ferramenta de resistência quanto como um meio de adaptação às novas configurações sociais. O romance "O Vendedor de Passados" apresenta personagens que, por meio de suas trajetórias e interações, revelam um cenário em que crenças religiosas se misturam à necessidade de reconfiguração das memórias e da identidade nacional.

A busca por uma identidade perdida, portanto, não ocorre de forma linear, mas sim de maneira fragmentada, em meio a influências diversas que se entrelaçam no contexto pós-colonial angolano. Ao explorar essa complexidade, Agualusa insere sua obra dentro de um amplo debate sobre a memória, a história e a

cultura, evidenciando como a religião continua sendo um dos alicerces fundamentais para a reestruturação do imaginário coletivo.

2.1. PERSONAGENS

O enredo do romance *O Vendedor de Passados*, de José Eduardo Agualusa, desenvolve-se a partir das trajetórias de cinco personagens centrais: Félix Ventura, um criador de passados fictícios; José Buchmann, um de seus clientes; Ângela Lúcia, uma fotógrafa e interesse amoroso de Félix; Edmundo Barata dos Reis, um ex-agente do Ministério que agora vive como mendigo; e Eulálio, uma osga que assume o papel de narrador da história.

Embora cada personagem possua uma trajetória singular, todos compartilham um passado marcado pela incerteza e pela dor. À medida que a narrativa avança, essas histórias individuais, que inicialmente parecem isoladas, começam a se entrelaçar de maneira inesperada, revelando conexões profundas entre os personagens e seus passados reconstruídos. O romance, portanto, explora a ideia de que a identidade de cada indivíduo está intrinsecamente ligada a um contexto mais amplo, no qual memórias pessoais e coletivas se misturam, desafiando a noção linear e objetiva da história.

O narrador é uma osga (lagartixa) chamada Eulálio, que, em uma vida anterior, foi humano e agora compartilha fragmentos de seus sonhos e memórias dessa existência passada. Assumindo um papel quase divino, Eulálio não apenas observa, mas também delinea e conduz a narrativa, funcionando como um mediador entre os diferentes tempos e camadas da história.

Essa figura enigmática remete às múltiplas trajetórias que o povo angolano percorreu ao longo do tempo, evidenciando os caminhos históricos, sociais e culturais que moldaram sua identidade. Além disso, a escolha da osga como narrador não é meramente casual, pois suas características naturais estabelecem conexões simbólicas profundas. A lagartixa, um animal associado à resiliência e à capacidade de adaptação, reflete metaforicamente a própria trajetória da nação angolana, que, ao longo dos séculos, precisou se reinventar diante das adversidades.

Por meio dessa perspectiva singular, Agualusa reforça a ideia de que a identidade é um processo em constante transformação, moldado pela memória, pelo esquecimento e pela reconstrução de narrativas. Em *O Vendedor de Passados*, essa dinâmica se reflete na trajetória de Eulálio, que, ao mesmo tempo testemunha e arquiteto da história, se torna um símbolo da complexidade da formação identitária em Angola. Sua existência, marcada pela fluidez entre o real e o imaginário, ilustra como a identidade nacional e individual não são estruturas rígidas, mas construções contínuas que dialogam com o passado, reinterpretem o presente e projetam futuros possíveis.

Essa noção de identidade em constante reformulação encontra ressonância na relação entre espiritualidade e cultura, especialmente em contextos marcados por processos históricos de ruptura e resignificação, como o angolano. A religiosidade, ao se entrelaçar com a memória e a narrativa, oferece um meio de compreender e dar sentido às experiências coletivas e individuais, funcionando não como uma verdade fixa, mas como um caminho de busca e descoberta. Como considera Alves (2014):

"Religião é o caminho que nos ensina a viver em harmonia com o mistério da vida. Ela não é uma receita pronta, mas um convite a encontrar, no silêncio e na contemplação, o sentido profundo que nos move."

Nesse sentido, a espiritualidade, assim como a identidade, não se fixa em dogmas imutáveis, mas se refaz e se reinventa na medida em que os indivíduos e as sociedades reinterpretem suas histórias e seus anseios. Em Angola, onde a reconstrução nacional exigiu um diálogo constante entre tradição e modernidade, entre a herança colonial e as raízes culturais próprias, a religião desempenhou um papel duplo: ora como refúgio diante da incerteza, ora como força transformadora que impulsiona novas formas de pertencimento e compreensão do mundo. Assim, tanto na literatura de Agualusa quanto na reflexão de Alves, percebe-se que a identidade e a fé são territórios vivos, moldados pela inquietação humana diante do mistério e pela necessidade de dar sentido à existência.

Ângela Lúcia comoveu-se. Beijou-o no rosto. Mostrou-lhe depois as fotografias que fez nas últimas semanas: nuvens. – Não parecem saídas de um sonho? Félix estremeceu: – Tenho sonhos –, disse: – Tenho às vezes sonhos um pouco estranhos. Esta noite sonhei com ele... E apontou para mim. Senti-me desfalecer. Corri

rapidamente, assustado, a esconder-me numa fenda, junto ao tecto. Ângela Lúcia gritou, num daqueles arrebatamentos infantis que a caracterizam: – Uma osga?! Que maravilha!... – Não é uma osga qualquer. Vive aqui em casa há muitos anos. No sonho ela tinha a forma de um homem, um tipo pesado, cuja cara, aliás, não me é estranha. Estávamos num café e conversávamos... – Deus deu-nos os sonhos para que possamos espreitar o outro lado –, disse Ângela Lúcia: – Para conversarmos com os nossos mais-velhos. Para conversarmos com Deus. Eventualmente, com os gas. (AGUALUSA, 2005, Pg. 76)

A osga é um animal originário da África, cuja presença em diversas regiões do mundo ocorreu, em grande parte, devido ao tráfico de pessoas escravizadas, sendo disseminada em territórios como Portugal e Brasil. Esses dois países desempenham papéis fundamentais na construção da identidade angolana: Portugal, enquanto nação colonizadora, e o Brasil, frequentemente idealizado como um símbolo de liberdade e refúgio cultural.

Além disso, a escolha da osga como narradora da obra estabelece conexões simbólicas com distintas tradições religiosas. No contexto das religiões de matriz africana, é comum a personificação de animais nas figuras dos orixás, atribuindo-lhes características humanas e poderes espirituais. De forma semelhante, no cristianismo – tanto em sua vertente católica quanto protestante –, alguns animais são reverenciados por suas qualidades simbólicas e espirituais. A lagartixa, especificamente, é mencionada na tradição bíblica como um ser astuto e resiliente: "A lagartixa que se pode apanhar com as mãos, contudo, encontra-se nos palácios dos reis" (BÍBLIA, 2013, Provérbios 30:28).

Rubem Alves define a religião como um sistema de símbolos que confere sentido à existência humana. Para ele, "a religião nasce do espanto e da angústia diante do mistério da vida" (ALVES, 2014, p. 13). Essa perspectiva se reflete na busca de Félix Ventura por reescrever a história de seus clientes, ofertando-lhes um passado idealizado e, conseqüentemente, uma identidade renovada. A construção dessas narrativas remete à função da religião como mediadora da realidade, proporcionando uma compreensão organizada do mundo.

Entretanto, Alves também destaca que a religião pode atuar como mecanismo de repressão, limitando a liberdade do indivíduo: "A religião pode ser uma gaiola que aprisiona ou asas que libertam" (ALVES, 1982, p. 45). Esse dilema está presente na trajetória de José Buchmann, um cliente de Félix que, ao adquirir um novo passado, acredita encontrar liberdade, mas acaba se deparando com um labirinto de falsas memórias. Assim como a religião pode ser usada para legitimar poderes opressores, a reconstrução de passados fictícios pode servir para encobrir traumas e apagamentos históricos. Um diálogo ilustra de forma marcante a complexidade da reconstrução identitária e a sutil interseção entre memória e verdade. Durante uma partida de xadrez entre Félix Ventura e José Buchmann, os dois personagens trocam palavras que revelam a incerteza e a fluidez da identidade construída:

O comboio abrandou numa subida. Arfava, asmático, velho monstro mecânico, quase sem fôlego. José Buchmann avançou a rainha, ameaçando-me o cavalo do rei. Ofereci-lhe um peão. Ele olhou-o distraído: – A verdade é improvável. Sorriu num relâmpago: - A mentira -, explicou, - está por toda parte. A própria natureza mente. O que é uma camuflagem, por exemplo, senão uma mentira? (AGUALUSA, 2005, Pg. 132)

Edmundo Barata dos Reis, um ex-agente do Ministério que agora vive como mendigo, personifica uma trajetória marcada pela ascensão, queda e a incessante busca por redenção. Sua história evidencia a dualidade entre o poder e a vulnerabilidade, demonstrando como a identidade não é fixa, mas sim passível de destruição e reconstrução ao longo do tempo. Sua marginalização o transforma em uma espécie de penitente, alguém que, despido de privilégios, é forçado a confrontar os erros do passado e a encarar a dura realidade de seus pecados. Nessa jornada de expiação, ele busca, mesmo que de forma hesitante, um novo sentido para a existência, tornando-se um reflexo das contradições humanas entre culpa, arrependimento e a esperança de recomeço.

José Buchmann apareceu esta noite na companhia de um velho de longas barbas brancas, uma trunfa grisalha, que lhe caía pelos ombros em tranças selvagens. Reconheci nele, imediatamente, o mendigo que o fotógrafo perseguira, semanas a fio, mostrando-o, numa imagem extraordinária, a emergir de uma sarjeta. Um deus antigo, vingador, de cabeleira em desordem e bruscos olhos acesos. – Quero apresentar-lhe o meu amigo Edmundo Barata dos Reis, ex-agente do Ministério da Segurança do Estado. Ex-gente!, diga antes ex-gente! Ex-cidadão exemplar. Exponente dos excluídos, excremento existencial, excrescência exígua e explosiva. Em duas palavras: vadio profissional. Muito prazer... (AGUALUSA, 2005, Pg. 157)

A relação de Edmundo com a religião é ambígua: por um lado, ele personifica o fracasso das estruturas que outrora sustentavam sua identidade, por outro, simboliza a possibilidade de recomeço através da espiritualidade. Rubem Alves destaca essa tensão ao afirmar que “a religião pode ser um refúgio para os que perderam tudo, mas também um espelho de seus próprios tormentos” (ALVES, 2014, p. 88). Assim, Edmundo representa o paradoxo da fé como uma via de transformação e, ao mesmo tempo, um testemunho da fragilidade humana diante das contingências da vida.

Ângela Lúcia, a fotógrafa e interesse amoroso de Félix Ventura, desempenha um papel crucial na interseção entre identidade, memória e religiosidade. Sua profissão a torna uma guardiã do passado e da verdade, pois a fotografia captura instantes que, de outra forma, poderiam ser esquecidos. Nesse sentido, Ângela representa uma dimensão quase mística da arte, remetendo à ideia da imagem como meio de transcendência e ao mesmo tempo que é carregada de uma dualidade como apontada em um diálogo entre o narrador e o personagem de Felix Ventura sobre Ângela:

Sairam juntos da exposição e foram continuar a conversa no terraço de um bar, sob as estrelas, defronte às águas negras da baía. Nessa noite, contou-me Félix, só ele falou. Ângela Lúcia possui um talento raro: é capaz de manter acesa uma conversa sem quase participar nela. Depois o meu amigo regressou a casa e disse-me: - Conheci uma mulher extraordinária. Ah meu caro, faltam-me palavras certas para definir – tudo nela é luz! - Achei um exagero. Onde há luz, há sombras. (AGUALUSA, 2005, Pg. 128)

Rubem Alves argumenta que “a estética e a religião se tocam porque ambas buscam o invisível por meio do visível” (ALVES, 1982, p. 112). A fotografia de Ângela Lúcia assume esse papel ao revelar aspectos ocultos das identidades dos personagens, permitindo que o passado inventado por Félix Ventura seja materializado em imagens. Dessa forma, a personagem ilustra como a arte pode atuar como mediadora entre a realidade e a ficção, ecoando as funções da religião ao longo da história.

2.2. CASA

No romance, a casa que ora se apresenta como casa, ora como barco, pode ser interpretada como um paradoxo da morada maior espiritual e a ideia de pertencimento. Essa dualidade reflete a concepção da África como o berço da humanidade e, ao mesmo tempo, um espaço de deslocamentos forçados ao longo da história. O escritor moçambicano Mia Couto afirma: “A casa não é onde dormimos, mas onde, em nós, acordamos” (COUTO, 2009, p. 67). Essa noção ressoa na narrativa de Agualusa, em que os personagens buscam reconstruir não apenas suas identidades, mas também seus lares, tanto físicos quanto espirituais.

A casa-barco simboliza a fluidez da identidade africana, que não se restringe a fronteiras fixas, mas se refaz constantemente, assim como a própria história do continente. Esse simbolismo reforça a noção de pertencimento a um espaço maior, espiritual e cultural, que transcende o tempo e o espaço físico.

A casa vive. Respira. Ouço-a toda a noite a suspirar. As largas paredes de adobe e madeira estão sempre frescas, mesmo

quando, em pleno meio-dia, o sol silencia os pássaros, açoita as árvores, derrete o asfalto. Deslizo ao longo delas como um ácaro na pele do hospedeiro. Sinto, se as abraço, um coração a pulsar. Será o meu. Será o da casa. Pouco importa. Faz-me bem. Transmite-me segurança. (AGUALUSA, 2005, Pg. 9)

Angola ocupa uma posição crucial na subjetividade de cada indivíduo que se constitui como parte do povo angolano. Ao longo da história, os angolanos enfrentaram revezes profundos e devastadores, sendo os mais impactantes a escravização e o domínio colonial, que forçaram muitos a abandonar sua “casa-barco-lar”. Essa casa, embora fisicamente perdida, foi mantida viva nas lembranças e nas histórias passadas de geração em geração. Ao longo dos séculos, o povo angolano viu-se obrigado a carregar sua identidade nas profundezas da memória coletiva, como uma chama que, apesar de abafada, nunca se apagou completamente.

Com o fim do domínio colonial e a conquista de sua independência, surgiu uma janela de oportunidade para a reconstrução da identidade cultural angolana. A chegada da libertação cultural permitiu aos angolanos reaproximarem-se de sua terra natal, de sua história e de suas raízes. Nesse contexto, a literatura e a religião emergem como poderosos instrumentos para a reafirmação da identidade nacional e cultural. Por meio da literatura, os escritores angolanos puderam resgatar e recontar suas histórias, explorando as complexas vivências do povo, suas dores, alegrias e a luta pela autonomia. A religião, por sua vez, foi fundamental para fornecer um sentido de pertencimento e continuidade, funcionando como um elo espiritual que unia a população em torno de valores comuns e na busca de um novo horizonte cultural.

Esses elementos — a literatura e a religião — não só possibilitaram a retomada das identidades perdidas, mas também ajudaram a construir uma nova compreensão de Angola, mais rica e plural. Ambos foram fundamentais para a reconstrução de uma nação que, embora marcada pelas feridas do passado, encontrou na sua cultura e na sua memória coletiva a força necessária para se reerguer e se afirmar no mundo. Assim, a história de Angola é, acima de tudo, uma história de resistência e renascimento, onde as palavras, as crenças e os símbolos desempenham papéis essenciais na criação de um futuro mais livre e autêntico.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem um provérbio angolano que diz: “A esperança é o pilar do mundo”. No romance *O Vendedor de Passados*, de José Eduardo Agualusa, esse pilar ganha forma na figura de Esperança Job Sapalalo, uma velha senhora que cuida da casa e dos netos. Sobrevivente de um massacre ocorrido durante a guerra que assolou Angola, ela se gaba de ser imortal, carregando consigo não apenas a memória da destruição, mas também a força e a resiliência de um povo que persiste diante das adversidades.

Esperança representa, de maneira simbólica, a essência da identidade angolana: um povo guiado por um instinto inabalável de sobrevivência e pela crença em dias melhores. A esperança, no romance, não é apenas um sentimento abstrato, mas uma virtude encarnada na personagem que, apesar da idade avançada e do peso do neto nas costas, não hesita em assumir a responsabilidade de cuidar da casa e de quem nela habita. Ela personifica a dádiva invisível que se manifesta através do cuidado e da dedicação aos outros, reforçando a noção de que a esperança se concretiza na ação.

No entanto, *O Vendedor de Passados* vai além dessa figura e apresenta múltiplas camadas de análise, personagens e perspectivas que dialogam com a complexa experiência angolana. A religião, em suas diversas expressões — seja nas tradições cristãs herdadas da colonização, nas crenças animistas profundamente enraizadas nas culturas locais ou nas formas híbridas surgidas do contato entre diferentes sistemas espirituais —, não apenas ofereceu respostas à dor e ao sofrimento histórico, mas também se tornou um espaço de criação simbólica e de resistência. Em um país fragmentado por conflitos, a espiritualidade atuou como um fio condutor na reafirmação da identidade nacional, proporcionando às comunidades um senso de pertencimento e continuidade.

Assim, a literatura angolana, ao explorar o sagrado, reflete essa complexa interação entre fé, cultura e identidade. Mais do que um conjunto de crenças fixas, a religiosidade se apresenta como um espaço dinâmico de reconstrução e ressignificação da própria existência, tornando-se um elemento essencial na trajetória do povo angolano. Agualusa, por meio de sua obra, nos mostra que a identidade não está apenas na história que se vive, mas também na história que se conta — e que a esperança, como pilar do mundo, sustenta essa narrativa de resistência e renascimento.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, J. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

ALVES, Rubem. **O que é religião?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2014.

ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Loyola, 1982.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

BÍBLIA de **Estudo Arqueológica NVI** / Equipe de tradução: Claiton André Kunz, Elizeu Manoel dos Santos e Marcelo Smargiasse; Prefácio da Edição Brasileira: Luiz Sayão. – São Paulo: Editora Vida, 2013.

COUTO, Mia. **Jesusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.